

Professora Maria Aparecida Pourchet Campos

*Aleixo Prates,
diretor do curso de Farmácia da Universidade Potiguar e presidente da
Associação Brasileira de Ensino Farmacêutico e Bioquímico (Abenfarbio)*



Necrológio. É só o que me assiste fazer, face à impotência da natural fatalidade, quando, em um sábado de “inverno” nordestino, me chega a notícia de que a professora Pourchet Campos acabara de falecer, numa quase solidão profissional imposta pelas circunstâncias do indesejável.

Guardo comigo um razoável volume de cartas suas, mas já fazia algum tempo que não a via, pessoalmente. Por sorte, no 20 de Janeiro passado - Dia do Farmacêutico -, experimentei a alegria de encontrá-la, em Brasília, para receber homenagens do Conselho Federal de Farmácia.

Conheço a Professora Aparecida, desde os idos de 64. O primeiro bolsista da Capes recebido pela UFRN (o Professor Delby Fernandes, da UFPB), ela confiou a mim e, daí, seguiu-se uma série de identificações, na esteira da vida profissional, fazendo aumentar meu respeito e admiração pela incomparável figura de arrebatada líder, de personalidade forte, pensamento claro, palavra firme, vocabulário justo, inflexão, às vezes, até agressiva na colocação de suas convicções.

Tinha poder de liderança e sabia fazer esco-

la. Fica muito difícil avaliar o número de seus discípulos, usualmente orientados na pós-graduação com o vigor de uma carreira incansável, lúcida, translúcida, como só ela sabia fazer.

Escreveu, com maestria, livros de grande valor didático, como deu cursos e pronunciou conferências inesquecíveis. Sou até capaz de imaginar que ela chegou a ser mais conhecida, e reconhecida, entre professores de Odontologia, que de Farmácia, pelos inúmeros cursos que ministrou sobre didática e metodologia da pesquisa.

Não é sem razão que, além de Professora Emérita da Universidade de São Paulo, era também *Honoris Causa* de mais oito universidades. Um nome internacional. Que cumpriu seu tempo, vencendo espaço entre os homens e, agora, inaugura seu novo tempo - desmedido tempo - com o “corpo incorruptível” de que nos fala o apóstolo São Paulo.

O mistério da vida nos coloca neste impasse: sob o constrangido silêncio da saudade não me resta fazer, se não um necrológio, como se pretendesse dizer uma comovida oração de paz.